

**A BOTICA DE ELEAZAR PEREIRA:** Instucionalização do Saber Médico Científico na cidade de Amarante.

*Antonio Guanacuy Almeida Moura<sup>1</sup>, Graciene Reis de Sousa<sup>2</sup>, Tainah Myrene de Lima Oliveira<sup>3</sup>*

*<sup>1</sup>Professor de História do IFTO- Campus Dianópolis, Especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior.*

*<sup>2</sup>Professora de História do IFTO- Campus Dianópolis, Especialista em Psicopedagogia Institucional.*

*<sup>3</sup>Professora de História SEDUC-MA, Especialista em Metodologia do Ensino Superior*

**Resumo:**

A história da implantação do saber médico no Brasil foi marcada por diversos conflitos entre as práticas de cura popular e o saber médico, dito científico. A falta de médicos e o excesso de rezadores e benzilhões tornaram-se fatores predominantes nos discursos das elites letradas do país no período republicano. O presente estudo pretende compreender como se deu o desenvolvimento do saber médico científico na cidade de Amarante-PI na passagem do século XIX para o XX a partir da instalação da botica do médico-farmacêutico Eleazar Pereira Cunha no ano de 1884, formado na Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia uma das primeiras instituições acadêmicas do país, onde foi possível que se institucionalizasse um determinado conhecimento “o médico” permitindo que condutas e procedimentos fossem considerados legítimos, nos levando a perceber os desafios e embates ocorridos entre a efetivação deste saber científico e sua recepção no cotidiano da população local.

Palavras Chaves: Cura, Medicina, Botica.

## INTRODUÇÃO

Os diversos debates ocorridos na sociedade brasileira contemporânea frente o desenvolvimento e a aceitação das mais variadas práticas de cura no país se definiram de forma clara no período republicano. Pois as práticas de cura se faziam presentes no imaginário popular desde o período colonial visto que os “cientistas” ou “médicos populares” possuíam uma maneira peculiar de cura empregando um misto de práticas místicas do catolicismo, magias e conhecimentos da medicina popular. Segundo destaca Mary Del Priore.

Os africanos faziam cultos envolvendo os mortos e praticavam cerimônias religiosas como o acotundá, o candomblé e o calundu. Muitos elementos desses rituais representam essa diversidade de santos, ervas, búzios, moringas<sup>1</sup>.

O excesso de rezadores e benzilhões tornaram-se fatores predominantes no cotidiano da população das cidades espalhadas pelo país, especialmente pelas influências da permanência das diversidades culturais religiosas na prática popular da medicina, nessa perspectiva é que a cultura popular entra em confronto com a cultura letrada durante todo o período republicano sendo que esta se define “pelos relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições devidas<sup>2</sup>”. Trata-se, portanto de uma singularidade cultural existente entre os dois setores, uma marcada pelo estado de atraso, primitivismo e outra pelo sentido de dominação, ou seja, são dois fogos em contato, a “cultura produzida pelas classes populares e a imposta às mesmas<sup>3</sup>”.

Dessa forma, a institucionalização do saber médico científico no país ganha força a partir dos discursos produzidos pelas elites letradas, sendo responsáveis pelo fortalecimento das práticas médicas oficiais em detrimento das práticas de cura popular permitindo que condutas e procedimentos fossem considerados legítimos.

Não diferente das demais cidades espalhadas pelo país à cidade de Amarante-PI insere-se nesse contexto de discussões sobre a legitimidade das práticas de cura ditas científicas em detrimento das práticas de cura populares, pois essas discussões vão se fazer presentes a partir do

---

<sup>1</sup> PRIORE, M. Del. História do cotidiano e da vida privada. IN. CARDOSO, C. F. VAINFAS, R Domínios da história. Ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro, Campos, 1997.p.30-32

<sup>2</sup> GINSBURG. O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.p.18

<sup>3</sup> Idem.ibidem.p.18

momento que a população local vê-se diante de um novo saber inserido no seu cotidiano representado pela instalação da botica de Eleazar Pereira.

## **O Desenvolvimento e Modernização da Cidade Amarante**

Por meio de uma pesquisa bibliográfica pude perceber que a cidade de Amarante teve sua origem em um aldeamento de índios Acaroas e Guegueses fundada pelo 2º governador da província do Piauí Gonçalo Lourenço Botelho de Castro em 1771 perto das nascentes do riacho mulato, no lugar onde é hoje a então cidade de Regeneração - PI, dando a essa missão o nome de São Gonçalo de Amarante, em homenagem ao santo de seu nome.

As margens do rio Parnaíba; entre a barra riacho mulato e do rio Canindé, começa a formar-se um pequeno povoado, que passam a chamar de porto de São Gonçalo por ser um lugar onde as barcas, botes e canoas atracavam, trazendo mercadorias que eram transportadas para vila de São Gonçalo.

Segundo Eleazar Moura (1997), devido o forte comércio que começa a surgir as margens do rio Parnaíba e a provável dificuldade de transportar mercadorias até a vila de São Gonçalo; a vila foi transferida para as margens do rio Paranaíba no ano de 1860 por meio de uma resolução do então presidente da província Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo.

A vila que foi transferida para as margens do rio Parnaíba cresceu rapidamente em decorrência da navegação a vapor, que fora responsável pelo transporte e escoamento dos seus produtos, pois pelas balsas exportavam-se frutas e rapadura para Teresina<sup>4</sup>; em decorrência dessa navegação a cidade transforma-se em grande empório comercial do centro-sul da província.

Mesmo se tratando de uma cidade em desenvolvimento a sociedade amarantina não se diferencia das demais cidades espalhadas pela província, uma sociedade em sua grande maioria constituída de uma classe predominante agrária, pois a sociedade piauiense tinha marcas predominantes agrárias segundo destaca Wilson de Andrade Brandão.

A sociedade tem marcas predominantemente agrárias, que envolvem, sufocando-as, as relações urbanas. As unidades produtoras estão implantadas

---

<sup>4</sup> MOURA, Eleazar. *Amarante Antigo: Alguns Homens e Fatos* 1997, p.17

na zona rural. Em consequência, conservam a índole e as características inapagáveis de sua origem<sup>5</sup>

Por se tratar de uma sociedade ainda agrária mesmo frente seu desenvolvimento, a implementação de uma ideologia higienista na cidade sofreu dificuldades de ser implantada, pois esse pensamento sobre medidas sanitárias reclamadas só vieram a ser radicalmente postas em prática durante o período republicano, período em que diversos governos locais levaram a cabo projetos de urbanização; mesmo sendo símbolo de desenvolvimento e progresso nas principais cidades do país segundo o historiador Sidney Chalhoub.

O aperfeiçoamento e progresso da higiene pública em qualquer país simboliza o aperfeiçoamento moral e material do povo, que o habita; é o espelho, onde se refletem as conquistas, que tem ele alcançado no caminho da civilização<sup>6</sup>

Diante dos aspectos da falta de organização e salubridade das principais cidades piauienses durante o final do século XIX e os anos subsequentes do período republicano; os governantes buscavam a modernização por meio de uma ordenação das cidades, sendo que uma série de medidas deveriam ser tomadas no intuito de organizar o espaço urbano das principais cidades da província do Piauí.

Não diferente das demais cidades espalhadas pela província do Piauí à cidade de Amarante não dispunha de uma estrutura que lhe oferecesse salubridade; os cenários eram de esgotos a céu aberto, animais convivendo com pessoas livremente e a falta de água tratada constituía um problema crônico na cidade principalmente entre as camadas menos esclarecidas. Tudo isso originava um novo problema para a cidade a disseminação de doenças entre a população que recorria a medicações e tratamentos empíricos. Esse quadro era ainda agravado pelo pouco esclarecimento das pessoas com relação a múltiplos aspectos relacionados à higienização, o que era um fator comum para difícil escalada da medicina científica na cidade.

---

<sup>5</sup> BRANDÃO, Wilson de Andrade. Formação Social. IN: *Piauí: Formação-Desenvolvimento-Perspectivas*, (Teresina, 1995). p.33

<sup>6</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: companhia das letras, 1996. p.34

## A instalação da Botica em Amarante

Com a criação da faculdade de medicina e farmácia da Bahia, a institucionalização do saber médico-científico começa a se espalhar pelas diversas cidades do país. Diante desse desenvolvimento instalam-se nas principais cidades do império as primeiras boticas com profissionais formados e habilitados, sendo que os mesmos só poderiam exercer a sua profissão se estivessem resguardados pela legislação que fundamentava a sua profissão.

Com a criação das faculdades, foram estabelecidos cursos de farmácia com duração de três anos e que forneciam o diploma de “ farmacêutico”. A mesma legislação que fundava as faculdades estabelecia que ninguém poderia curar ou ter botica sem ser aprovado pelas faculdades<sup>7</sup>

Conforme Eleazar Moura (1997), diante de tais aspectos e ideários de modernidade que se espalhavam pelas diversas províncias do país, a cidade de Amarante tida como grande entreposto comercial da região centro-sul da província do Piauí recebe no ano de 1884 um médico-farmacêutico chamado Eleazar Pereira da Cunha recém formado pela faculdade de medicina e farmácia da Bahia, pois o mesmo exercia a medicina, dava orientação e conselhos médicos, realizando pequenas cirurgias naqueles que lhe procuravam.

Com a sua chegada instala na cidade sua botica que ficou conhecida com o nome de Pharmacia Popular; Lycurgo Santos Filho(1977) ressalta que as boticas passaram a ser denominadas farmácias no decorrer do século XIX quando sua profissão começou a ganhar respaldo institucional tanto no Brasil como na Europa.

Botica esta que se tornou um expoente do saber médico-científico na cidade, assim a população local poderia recorrer a tratamentos com embasamento científico para cura de seus males, pois era recorrente a camada mais pobre da população ser acometida das mais variadas mazelas, buscando tratamentos de cunho não científico o que acabava lhes agravando a sua situação.

Essa camada mais pobre da província era atingida por doenças como febres intermitentes, renites biliosas, vermes intestinais, anemias, hydropsia e, principalmente, afecções do aparelho digestivo, sobressaindo a diarreia,

---

<sup>7</sup> SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo, Hucitec/Edusp,1977,vol.I.p.329

provocada pela ingestão de substâncias impróprias como xique-xique, a raiz do coroatá e da macambira, a massa de coco ou palmito que ingeriam cru<sup>8</sup>

A botica do Dr. Eleazar diferente das primeiras boticas da colonização que pareciam-se muito, em seu aspecto com as lojas de barbeiros, era bem montada e aparelhada, continha toda a instrumentação da farmácia antiga. Segundo Maria das Mercês “em uma das salas, a da frente ficavam as drogas expostas à venda, na outra, vedada ao público fazia-se a manipulação”<sup>9</sup>.

Na primeira sala da botica observam-se os mais vários tipos de frascos, jarros e vidros contendo substratos e soluções utilizadas como medicamentos, onde enfileirados sobrepostos sobre uma prateleira de madeira dividida em vários compartimentos viam-se boiões e potes etiquetados; contendo unguentos e pomadas; frascos e jarros de -vidro ou de estanho- também etiquetados; com xaropes e soluções de variadas cores; caixinhas de madeira com pílulas; balcões; mesinhas e bancos.

Os utensílios ali dispostos chamavam a atenção despertando o olhar curioso dos clientes ou daqueles que se chegavam a botica indicando um período de transformações que chegara a cidade; talvez por suas formas singulares, tão diferente da maioria dos objetos corriqueiros.

Na porta dos laboratórios o aviso "Proibida a Entrada", só entravam o boticário, vestido com sua bata branca, o quarto da manipulação ou laboratório; apresentava segundo as posses do boticário um verdadeiro babel de móveis e de utensílios: mesa; potes e frascos ou simples medicinais; copos graduados, cálices, botijas, cântaros, funis, facas, bastões de louça, almofarizes ou grais; alambique, destiladores, cadinho, retortas, panelas, tenazes, balanças e medidas de peso como quartilho, o arretel ou libra, acanada, a onça, o escrúpulo, o grão.

Na sua botica Eleazar Pereira buscava melhorar suas fórmulas farmacêuticas e aprimorar seus conhecimentos em relação a sua prática médica dedicando-se à pesquisa e a cultura farmacêutica criando fórmulas e produtos que tiveram reconhecimento de toda sociedade brasileira na área de saúde pública, sua dedicação as pesquisas lhe concederam medalhas referentes a um licor depurativo do sangue que era utilizado para as mais diversas doenças causadas pela impureza do sangue.

Os pacientes que chegavam até a botica de acordo com a sua necessidade lhes eram oferecidos os mais variados tipos de medicamentos que muitas vezes já se encontravam prontos ou seriam manipulados conforme a necessidade do cliente segundo destaca Flavio Edler Coelho.

---

<sup>8</sup> BALDOINO, Maria Mafalda. (1995). Op.cit. p.71

<sup>9</sup> MERCES, Maria Sobral. *Neta de Eleazar Pereira. Em depoimento concedido a Antonio Guanacuy Almeida Moura.* Amarante. setembro. 2010)

Nas farmácias, no século XIX, preparava-se os remédios *officinaes*, que eram xaropes, vinhos, extratos, tinturas, conservas, emplastos, unguentos, encontrados prontos na farmácia, além dos medicamentos produzidos a partir das receitas *magistraes*, preparadas segundo as formulas dos médicos e as necessidades dos pacientes, e remédios ditos. Os medicamentos poderiam ser: bálsamos, cataplasma, cáusticos, clisteres, elixires, emplastos (...). Quem preparava os medicamentos era o boticário<sup>10</sup>

A botica de Eleazar Pereira despontou não só como espaço para curar os males do corpo, mas, sobretudo local de encontros da sociedade amarantina, Silvio Ferreira(2008), destaca que essa era uma característica das boticas do fim do século XIX e início do século XX, sendo um local para socialização e formação das mais diversas opiniões.

As farmácias(...) da virada do século XIX para o século XX continuavam a preservar em seu interior antigos hábitos e costumes(...). As boticas dessa época (...), eram locais privilegiados de socialização e de rumores naquele aspecto peculiar e tão marcante, de outros tempos, qual seja, o da não separação higienista entre o lazer, o jogo de gamão ou mesmo as discussões políticas que se realizavam nos finais de tardes, daquele outro espaço, no qual se buscava os remédios que aplacaria as mazelas do corpo. Nesses estabelecimentos corria solta a discussão, trocavam-se ideias, formavam-se opiniões e narravam-se casos<sup>11</sup>

Com uma botica bem aparelhada e com o conhecimento científico que dispunha Eleazar Pereira começa o trabalho de expansão do saber médico-científico através dos trabalhos realizados junto da população amarantina. Com isso à medida que a aceitação desse novo saber ia crescendo a figura do doutor ia ganhando força principalmente entre as camadas mais pobres da população que ainda se encontrava ligada as praticas de cura popular.

### **Confronto entre o Saber Científico e o Popular**

Não resta dúvida de que o saber médico de então se expandia, concomitantemente ao crescimento urbano das diversas cidades espalhadas por todo território nacional, possibilitando a sua intervenção na sociedade, transformando as cidades a partir de novos conhecimentos e praticas médicas, onde diversos discursos acabam invadindo as várias instâncias da vida da

---

<sup>10</sup> EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e Pharmacias*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2006.p.96

<sup>11</sup> FERREIRA, Silvio. *Esculápios tropicais: a institucionalização da medicina no Pará,( 1889-1919)*.Belém:UFPA- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (Dissertação de Mestrado), 2008.p.60

população moldando as suas relações pessoais segundo os propósitos da ordem e da disciplina urbana.

Procurava-se, dessa forma, intervindo na sociedade, mudar hábitos e valores tradicionais da população buscando transformar o seu imaginário quanto os meios de cura a partir da afirmação dos conhecimentos ditos científicos e as práticas médicas.

Na cidade de Amarante o confronto entre tais práticas de cura, popular e científica se deu a partir do momento em que Eleazar Pereira começa os seus trabalhos na botica, e mesmo com o avanço da medicina científica ainda se faziam presentes entre as camadas mais baixas a utilização de práticas de cura popular. Pois tais práticas já estava inserida no cotidiano do povo piauiense não sendo difícil encontrar as mais variadas práticas de “cura”, espalhadas pelos diversos núcleos populacionais da província; segundo afirma Verônica Ribeiro.

As práticas religiosas, a fé no sagrado, assumem um lugar legítimo no imaginário social do povo piauiense retratado na sua cotidianidade pela crença em milagres, rezas, benzeduras, meizinha, almas santas benditas, novenas, procissões e outros.<sup>12</sup>

Esse tipo de medicina se espalha rápido; estando presente em todas as cidades provincianas enraizadas no seio de uma população que até então desconhecia outros tratamentos, Maria Mafalda Baldoíno (1995), destaca que era comum o repasse de medicamentos caseiros (meizinhas) e crendices presentes no seu cotidiano.

Comumente passavam de uns para os outros as “meizinhas e crendices”. Aliás, raízes de pau e rezas fortes eram um costume freqüentemente, sobretudo da população mais carente (...). Assim com (...), garrafadas, tratavam os seus males. Ao se queixar de uma moléstia passageira ou crônica, com espontaneidade logo outro alguém responde- “*Oi, moço, eu vou lbe ensinar uma meizinha, qui é um santo remédio!*”<sup>13</sup>

Durante o século XIX, as práticas de cura popular perderiam constantemente sua influência frente aos mais pobres da cidade para a medicina científica acadêmica.<sup>14</sup> Conhecedor deste ambiente médico-sanitário, Eleazar da Cunha redobra seus esforços procurando legitimar o saber médico científico na cidade de Amarante inserido-o no cotidiano da população local - por meio da divulgação dos seus tratamentos - as mais diversas maneiras de cura. Eleazar Pereira da

---

<sup>12</sup> RIBEIRO, Verônica. Manifestações Folclóricas. IN: *Piauí: Formação-Desenvolvimento-Perspectivas*, (Teresina, 1995). p.347

<sup>13</sup> BALDOINO, Maria Mafalda. (1995). Op.cit. p.45

<sup>14</sup> CHALHOUB, Sidney Etali. *Artes e Ofícios de Curar no Brasil*. São Paulo: Ed. Unicamp. 2003. p.331-339



Cunha se utilizava de estratégia para conquistar cada vez mais uma clientela na cidade de Amarante ; divulgando os seus tratamentos para as moléstias que acometiam a população local tais como: *sypphilis, ulceras escrofulosas ,Empigens etc.*

“Higienizar a cidade fazia parte do saber médico e dos planos dos governantes da época”<sup>15</sup>, é possível dizer que a botica na cidade de Amarante emergia como centro de afirmação do saber dito científico em detrimento das praticas de cura popular.

Pois tais hábitos eram considerados nocivos numa época em que se destacavam a educação higiênica e os cuidados com a saúde, sendo principalmente as classes mais baixas consideradas agentes principais da disseminação de tais crenças e praticas consideradas pela classe médica da época como um saber ignorante e primitivo conforme destaca Baldoíno.

Foram as classes subalternas que o saber higienista objetivou como principal agente de nocividade social, em virtude de suas crenças e praticas consideradas ignorantes, supersticiosa, primitiva e anti-higiênica<sup>16</sup>

Frente a esse discurso onde se considerava as praticas de cura popular como praticas incivilizadas; os profissionais de saúde diplomados como Eleazar Pereira passaram a ter cada vez mais espaço para exercer suas atividades junto à população e desfrutar de certos privilégios no meio institucional que se abria. Pois nesse momento se inicia uma melhor organização das corporações médicas, institucionalizada pelas faculdades de medicina, onde se intensifica uma luta para monopolizaras artes de curar no Brasil.

Com a organização dos médicos em torno das faculdades, sociedades de medicina e periódicos especializados, observa-se, a tentativa de monopolizar cada vez mais o discurso médico, Sobretudo o processo de aprendizado na academia e a posição social mais abastada \_eram por si sós um aspecto de superioridade em relação aos que não se enquadravam nessas características<sup>17</sup>

Mas na prática, tanto na cidade de Amarante como nas demais cidades espalhadas pelo resto do país o exercício da medicina era fortemente realizado ainda por curandeiros ou por qualquer pessoa que possuía algum tipo de conhecimento das artes de cura, não por falta de esforços dos médicos e farmacêuticos diplomados como Eleazar Pereira.

---

<sup>15</sup> BALDOINO, Maria Mafalda. (1995). Op.cit. p.103

<sup>16</sup> Idem.ibidem.p.105

<sup>17</sup> CHALHOUB, Sidney (2003). Op. cit.p.322

Mas segundo Gabriela do Reis Sampaio, “o curandeiro conseguiu tornar-se uma experiência com bases resistentes, pois o mesmo está ligado a crenças e tradições próprias”<sup>18</sup>. Isso não significa dizer que as pessoas não procuravam os médicos e farmacêuticos, demonstrando que esses grupos sociais não tinham restrições e desconfiança com relações as pratica ditas científicas, mesmo recorrendo a outras práticas de curas.

Em relação a isso, o que diferenciava a aceitação das práticas populares em detrimento das práticas acadêmicas era o fato da primeira ser considerada mais eficiente. O imaginário popular que corresponde ao universo de conhecimento que possuem e que estão acostumados, a medicina científica representava algo novo, incomum e, portanto fora do contexto em que viviam; a mesma só fincaria suas bases com as transformações sociais que ocorreriam no decorrer do século XX, se diferenciando e construindo para si um lugar privilegiado de ação, mesmo o tempo não impedindo a manutenção das praticas de cura ditas populares.

---

<sup>18</sup> SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Nas trincheiras da cura: As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial (Gabriela dos Reis Sampaio) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULI, IF CM, 2004.

## Considerações finais

Modernidade e progresso eram ideias que já transitavam no imaginário da sociedade brasileira no final do século XIX e início do século XX onde novas formas de ver o mundo e novas políticas sociais se difundiam, principalmente nas primeiras décadas do período republicano. As novas regras de saneamento e higienização social, promovida pelos diversos projetos, campanhas e discursos dos médicos higienistas e sanitaristas e outros setores das elites letradas constituintes da nação brasileira, incluíam estratégias de normatização da família e políticas de disciplinarização e educação que visavam controlar socialmente os vários setores da população principalmente as classes pobres. E com esse projeto de modernização surgiram inúmeros discursos contrários às práticas de cura popular, práticas estas que estavam inseridas no cotidiano da população, dessa forma na busca pela modernização do país, a repressão para com os curandeiros, pais de santos entre outros representantes das práticas de cura popular foi marca visível, e classificadas pela praticante como “educação sanitária” com finalidade de educar e discutir entre aqueles “atrasados”, bons hábitos e boas maneiras, inclusive, para saber cuidar do corpo, enfim de sua saúde, constituindo-se assim um choque entre o saber dito científico e o popular.

Nesse processo o saber médico e seus representantes tiveram papel central na propagação do saber dito científico em detrimento das práticas de cura popular tidas como “incivilizadas”. Transportando esse conflito para o âmbito da sociedade amarantina observou-se que após a instalação da botica de Eleazar Pereira, a mesma se configurou como símbolo da propagação do saber médico - científico na cidade, conseguindo limitar e cercar os avanços de saberes e práticas concorrentes; por meio da divulgação dos seus trabalhos realizados na cidade, Eleazar Pereira buscou se diferenciar e construir para si um lugar privilegiado de ação fazendo-o em nome dos conhecimentos científicos o que lhe daria respaldo, prestígio social e reconhecimento da sua botica frente à população amarantina e a elite letrada que constituía a cidade de Amarante.

Destacado e analisado este embate evidenciamos, entretanto que tal política modernizadora não foi suficiente para fazer com que as práticas de cura popular fossem abandonadas totalmente por seus praticantes mesmo com o avanço e a propagação do saber dito científico tanto na cidade de Amarante como nas demais cidades do país, pois tais conhecimentos e práticas já estavam arraigadas e inseridas no cotidiano e no imaginário popular.

## Bibliografia

BALDOINO, Maria Mafalda. *Cotidiano e pobreza: a magia de sobrevivência em Teresina*- Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.p.21

BRANDÃO, Wilson de Andrade. Formação Social. IN:*Piauí:Formação-Desenvolvimento-Perspectivas*,(Teresina,1995).p.33

CHALHOUB, Sidney Etali. *Artes e Ofícios de Curar no Brasil*. São Paulo: Ed. Unicamp.2003.p

\_\_\_\_\_. Pra que servem os narizes? Paternalismo, darwinismo social e ciência racial em Machado de Assis. In: *Artes e ofícios de curar no Brasil*: capítulos de história social. Campinas : Editora da UNICAMP, 2003

\_\_\_\_\_. *Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*- São Paulo: Companhia das letras,1996.

EDLER, Flavio Coelho. *Remédios de comadres*. IN: Revista de História da Biblioteca Nacional. ano 5.nº56, maio 2010 Op. cit. p. 23

\_\_\_\_\_. *Boticas e Pharmacias* . Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2006.

FERREIRA, Luiz Otávio. *Medicina Popular – Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830 – 1840)*. In: CHALHOUB, Sidney. (2003)

GINSBURG. *O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

MOURA, Eleazar. *Amarante Antigo: Alguns Homens e Fatos* 1997.

PRIORE, M. Del. *História do cotidiano e da vida privada*. IN: CARDOSO, C. F. VAINFAS, R *Domínios da história*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro, Campos, 1997.

RIBEIRO, Verônica. Manifestações Folclóricas. IN: *Piauí: Formação-Desenvolvimento-Perspectivas*,(Teresina,1995)

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial* (Gabriela dos Reis Sampaio) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULI, IF CM, 2004.

SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo, Hucitec/Edusp,1977,vol.I

## FONTE ORAL

MERCES, Maria Sobral. *Neta de Eleazar Pereira*. Em depoimento concedido a Antonio Guanacuy Almeida Moura. Amarante. Setembro. 2010

